



NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

INDEPENDÊNCIA E LIBERDADE

Todos nos sentimos tranzidos de espanto e de indignação com as atrocidades cometidas contra o sacrificado e mártir povo de Timor. Infligir sofrimentos a alguém de uma forma tão brutal e à vista desarmada, que o mesmo é dizer, aos olhos do mundo, epítote que hoje se pode dar à televisão e a outros meios audiovisuais, sem nada ou pouco podermos fazer, causa raiva, desespero e naturalmente desejos de vingança.

Não há muitos meses todos assistimos com igual desespero à autêntica chacina que vitimou os habitantes do Kosovo. A ordem, tanto aqui como em Timor, foi matar com requinte, com ódio, com selvageria.

No que diz respeito à Sérvia, os portugueses dividiram-se. Já quanto a Timor, foi um Portugal inteiro que, num mesmo impulso e num mesmo clamor, se indignou contra a política de Jacarta.

Como se comprova e se constata, Timor diz-nos mais respeito. Naquele rincão longínquo fala-se português e isso irmaniza-nos. Há ali (em Timor) civilização lusa e isso aproxima-nos, identifica-nos.

Essa aculturação portuguesa ou essa maneira actual de ser do povo timorense é fruto também do modo como se processou a expansão europeia na Ásia. Seguindo o pensamento de Kirti Chandhuri⁽¹⁾, havia uma distinção fundamental entre as características institucionais e económicas da presença portuguesa no Oceano Índico e as das Companhias das Índias Orientais holandesa e inglesa. De facto estas últimas eram organizações comerciais a quem tinha sido concedido um monopólio nacional de comércio e soberania política delegada pelo Estado, mas a sua base era estritamente económica que tinha por objectivo primacial o lucro.

Ora com a coroa portuguesa e os seus apoiantes aristocráticos predominava uma mentalidade tipicamente senhorial onde sobressaía a ideia da cruzada contra os infiéis, a propaganda missionária da fé e a promoção dos poderes militares do Estado a que juntavam com igual parceria a captura de saques no mar e um bem desenvolvido comércio marítimo de especiarias com o Oriente. Sob o impulso de Afonso de Albuquerque, foram criadas colónias compostas de fidalgos, soldados, imigrantes, pobres, viúvas e órfãos, bem como os membros das fundações religiosas. Alguns destes, mais tarde, regressam à pátria; outros miscigenam-se com a população local dando origem a uma raça híbrida, onde o magma cultural lusitânia aparece imbrincado.

A propaganda missionária por sua vez contribui para modificar as mentalidades, infomar perfis, parentura corrigir os comportamentos. Foram os missionários dominicanos que começaram a converter o povo das ilhas mais pequenas do arquipélago de Sunda, principalmente as Flores e Timor. Podem medir-se a consideração e o apreço em que eram tidos os padres portugueses que embarcavam nas naus das descobertas pela carta escrita por um grande senhor oriental, Shimazer Takashima, senhor de Satisuma ao padre jesuíta provincial de Goa, isto no século XVI: "*Fico admirado quando vejo os portugueses nos seus navios, pois Portugal é um país tão distante e a Índia um país tão grande, e é uma maravilha que um navio viaje tantas léguas e aborde estas pequenas ilhas. E o que não menos me surpreende é que, embora os portugueses sejam homens tão grandiosos e de tamanha honra e renome os padres que vêm com eles, e que de tanta consideração gozam se satisfaçam em beber uma chávena de água quente por amor do criador do mundo*". (C. R. Boxer)⁽²⁾

Esta carta revela consideração quer pelos padres quer pelos portugueses, *homens tão grandiosos*. Ora essa admiração creditada aos navegantes lusitanos foi mais um dos sentimentos que se gravam na mente dos incolos orientais e que se prolongaram de geração em geração. E por que eram admirados, referenciados e temidos os portugueses? Porque foi um motivo de espanto para aquele tempo, e ainda é para este, que um pequeno estado situado lá nos confins do Ocidente aparecesse quase subitamente, à frente de ingleses e holandeses, nas plagas longínquas orientais, a impor leis, a estabelecer ou não respeitar regras, a bater-se em luta com meio mundo e a sair vencedor. E mais (e isso é um facto que ainda hoje nos espanta): qualquer navio que pretendesse viajar no oceano Índico, tinha que andar munido de um "cartaz" ou salvo conduto concedido pelas autoridades lusas pois, em caso de recusa, corria o risco de ser depeçado pelas bombardas dos poderosos navios portugueses - naus, fragatas, galeões, carraras, os mais fortes da época. Era tão formidável a exibição do poder naval lusitano no mar, que os navios ingleses que encontravam um navio português, colocavam-se quase sempre prudentemente fora do alcance da sua artilharia⁽³⁾. E também os mercadores asiáticos acabavam por aceitar que para eles seria mais fácil pagar a protecção dos portugueses, do que sofrer os efeitos de uma guerra de que se não se sabia o fim nem o desfecho.

E deste modo, paulatinamente, a psicologia dos povos orientais foi interiorizando o conceito de homem português onde se integrava equanimemente a conotação de valentia e de ódio.

É sabido, porém, que não se pode abarcar o mundo com as pernas, e o império português que no século XVI se estendia desde o Atlântico até às costas de Macau, Manila e Nagasaki, acabou por vir a perder peso, e quem diz peso, diz força e eficácia, perante os esforços conjugados da Inglaterra, da Holanda, de França e ainda das repúblicas italianas a que se juntaram os ataques e os conluios dos povos muçulmanos.

(Continua na pág. 3)

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Discretamente a Cooperativa vai tecendo a sua teia, o que se pode entender como o cumprimento de uma tarefa para que foi inicialmente vocacionada: dar cultura. Desta feita meteu-se na aventura de reeditar a "revista" fangueira tendo crianças como actores, exactamente como aconteceu na década de 30.

Com efeito, no próximo dia 23 de Outubro vai realizar-se um sarau revisteiro no Salão Paroquial. São quadros das antigas "revistas do Ernestino", expressão esta que integra não só números deste saudoso fangueiro, como colaboração de outros autores, uns falecidos: dr. Alcêu, Zé maia, e outros ainda vivos: Carlos Palma Rios, Mário Belo, Armando Barbosa e porventura outros cujo nome não ocorre agora.

Já temos dito que estes espectáculos são a alma de Fão a contar. "Aquilo" somos nós, é a nossa expressão, é a nossa história, é a nossa idiossincrasia, é também um aspecto da nossa cultura. Estão em causa a nossa jeiteira para a dança, para a música, para a declamação, para o teatro, enfim para muitas formas de arte.

Há grande entusiasmo e foi criada grande expectativa à volta dos pequenos actores. Os pais são os melhores fãs dos seus rebentos. Ajudam, assistem aos ensaios, dão sugestões e dão as fatiotas. Vai resultar.

Só uma coisa não nos agrada: o ou os espectáculos serão de borla. Vai ser uma barafunda do camandro. Muita gente gosta de escolher o seu lugar, a hora de sair de casa, ficar perto de A ou B. Isso custa dinheiro, mas é confortável. É que, além do mais, arranjava-se dinheiro para a Cooperativa e para o salão. Vejam lá isso.

O Armando Solinho, mais uma vez, correspondeu à chamada e no seu trabalho tem tido a ajuda da professora D. Manuela Sacramento Sobral.

DOUTOR VASCO MARIZ

O senhor embaixador Dr. Vasco Mariz é autor de diversos livros, em geral ligado à música, com edições em várias línguas (francês, espanhol, inglês, italiano, russo, etc., além do português).

Tivemos conhecimento que a Comissão Nacional dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil (Instituição Brasileira), incluiu o livro "História da Música no Brasil", deste nosso assinante, entre os 50 livros fundamentais para a cultura brasileira. Esta obra terá uma edição de 100.000 exemplares.

Regoziamo-nos com a notícia pois trata-se de um neto de Fão, filho do benemérito senhor Joaquim Mariz e um dedicado amigo da nossa terra.

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS EM TIMOR EM MISSÃO DE PAZ

Seguiu para Timor, via Darwin (Austrália), uma formação de Bombeiros Voluntários de Esposende, em missão de paz.

Consta na "bagagem" dos Bombeiros, a viatura Land Rover (nova) que está equipada para todas as emergências pois, a missão, é rigorosamente de paz, com os seguintes objectivos: apoio, além de acompanhamento, aos desalojados, para realojamento no território; prestação de primeiros socorros e de cuidados médicos aos timorenses; acompanhamento das populações em acções humanitárias - inclui abastecimentos urgentes, socorros e orientação). A viatura, está preparada para socorros de outra natureza, incluindo incêndios ou acidentes, dado que os quatro elementos têm formação sobre: mergulho e pesquisa, INEM (urgência médica, ou socorrismo), desencarceramento e salvamento. Compõem a equipa: Juvenal Silva, Comandante; Paulo Santos, Júlio Melo e Carlos Alves.

A missão humanitária terá a duração provável, entre 30 e os 90 dias, integra-se em contingente de cerca de 40 homens, no SNB (Serviço Nacional de Bombeiros).

FESTIVAL DA JUVENTUDE RENDEU 1.080 CONTOS À UNICEF

A Câmara Municipal de Esposende, que foi a responsável pela organização do Festival de Juventude/99, entregou à UNICEF portuguesa o produto deste acontecimento, no valor de 1.080 contos.

Conforme noticiámos, o Festival realizou-se na semana de 21 a 29 de Agosto findo, tendo a participação de inúmeros jovens, artistas da rádio, da televisão, do desporto, do teatro e do cinema, bandas musicais, colóquios e concursos, a exemplo de anteriores edições. Contaram-se por milhares os jovens participantes e presentes, sobretudo, no concerto pela banda dos "Hands on Approach", Jogo das Estrelas e no Debate.

O presidente da Câmara Municipal, também ele jovem, prometeu repetir o Festival.

CENTRO SOCIAL DE BELINHO, COM NOVA SEDE

Destinado à construção da futura sede social, a Câmara Municipal de Esposende concedeu um subsídio de 25 mil contos.

A obra, de alcance social na freguesia, vai custar 130 mil contos, sendo comparticipada por organismos de solidariedade social, mas compete à freguesia suportar uma boa parte destes custos.

O subsídio integra-se no apoio ao papel do movimento associativo, seja ele na vertente cultural, desportiva ou social", anunciou o Executivo Municipal.

APOIO AOS BOMBEIROS DO CONCELHO

As Corporações de Bombeiros Voluntários do concelho de Esposende e Fão, foram beneficiadas com subsídios concedidos pelo Executivo Municipal, com o objectivo de apoiar as suas acções humanitárias.

Assim, Esposende recebeu 10 mil contos, oito mil dos quais para aquisição do carro de desencarceramento.

A Corporação de Fão recebeu 5.800 contos, que inclui 4000, para aquisição de ambulância.

As referidas instituições de Bombeiros Voluntários, integradas na acção e na Protecção e Defesa Civil do Território, passam a dispor de melhores condições de ataque a calamidades que ocorram no concelho.

DIA DO IDOSO - CONVÍVIO NA MALAFAIA

Ao fim de assinalar o Dia do Idoso, mais de 1.200

idosos do Concelho de Esposende concentraram-se na Quinta da Malafaia, em 21 de Setembro findo.

"Reviver o passado à volta da eira" foi o tema escolhido para o convívio que proporcionou a festa entre todos os presentes. A jornada, organização da Câmara Municipal de Esposende, na opinião de alguns dos participantes, "foi muito divertida e a festa muito boa para a gente idosa".

Já se haviam realizado outras manifestações no âmbito do Dia Internacional do Idoso, em programa divulgado na oportunidade.

HABITAÇÃO SOCIAL PARA CARENCIADOS

Dentro do plano de actividades da "Esposende Solidário", com o apoio do PRODICE - Projecto de Desenvolvimento Integrado no Concelho de Esposende" foram recuperadas e entregues mais três habitações a famílias carenciadas.

Trata de plano de apoio, neste caso, de custo superior a nove mil contos. Beneficiaram três famílias: de Belinho, de Gandra e de Marinhas.

O projecto ocupa-se, também, de acompanhamento de famílias e de reintegração social, na educação, emprego e formação.

ELEIÇÕES LEGISLATIVAS - RESULTADOS

Na data da saída de "O Novo Fangeiro", 10 de Outubro, estão a decorrer as eleições para a Assembleia da República, além de formação de novo Governo, para os próximos 4 anos.

Os resultados ao pormenor, como vem sendo hábito, não podem ser divulgados nesta edição. Por isso, e para constar, além da curiosidade histórica e sabermos como votou o eleitorado, apresentaremos em próxima oportunidade o quadro completo relativo ao Concelho de Esposende.

POSSE DO NOVO PÁROCO - "O MEU PROGRAMA É A BÍBLIA..."

Na tarde de 26 de Setembro passado, domingo, a Paróquia de Santa Maria dos Anjos recebeu, em festa, o novo pároco, o 2.º no espaço de um ano.

O Arcipreste de Esposende, Padre Cândido Azevedo Sá, leu a Provisão de 29 de Julho passado, do Arcebispo de Braga D. Jorge Ortiga que nomeia o padre Delfim Duarte Fernandes, Pároco de Santa Maria dos Anjos (Esposende), por tempo indeterminado, com funções específicas. Depois, de improviso, referiu-se à situação de Esposende, cidade sede de Concelho e do Arciprestado e apontou três prioridades: reconstrução da residência paroquial, cujo processo se concluiu, para início da obra; execução de urgentes obras de conservação da igreja, uma das indicadas para o Jubileu do ano 2000, onde se devem passar cerimónias pela passagem do milénio; tratar das "pedras vivas" da paróquia.

O novo Pároco, a que fizemos referência na edição anterior, já em funções, referiu a desilusão do momentos pois, disse: "O meu programa é a Bíblia e a doutrina de Cristo; a catequese e as duas crianças: os jovens e os idosos, os adultos; "as Pedras Vivas" da paróquia". Na homilia relacionou a "Igreja Viva" com a parábola do Evangelho, referindo a necessidade de colaboração entre todos os paroquianos.

Depois de se paramentar, o reitor de Esposende entrou na Matriz em procissão, acompanhado das entidades civis e militares

loais, associações religiosas e seus representantes, Escuteiros de Esposende e de Vila Cova (Barcelos) e o clero do Arciprestado.

O Grupo Coral, dirigido pelo Prof. António Ribeiro, deu solenidade à cerimónia e participou na eucaristia dominical.

A autoridade eclesiástica local reconheceu a instabilidade da situação na Paróquia, mas também, os bons serviços prestados pelo Abade de Belinho, Padre Manuel Leal, Padre António Sá, Mons. Baptista de Sousa e Diácono Domingos, ordenado Sacerdote, além dos leigos que os apoiaram.

ANIMADOR DE TURISMO NÁUTICO

Inicia-se a 1 de Outubro o curso para "Animador de Turismo Náutico e Ambiental", cujo universo de candidatos a formando abrange os jovens de idade entre os 18 e os 21 anos, habilitados com o 11.º ano de escolaridade obrigatória.

O curso tem a duração de 432 horas, cerca de três meses, e será ministrado pelo FORPESCAS, Delegação de Viana do Castelo.

O plano curricular inclui: Formação sócio-cultural e Formação Tecnológica, ambas com temas relativas à especialidade. O curso tem saída para entidades oficiais e privadas, sendo de destacar: Câmaras Municipais, Museus, Empresas de Animação Turística, Agências de Viagens, Reservas e Parques Naturais, Instituto da Juventude.

LEGISLATIVAS/99 - CDU PÕE O DEDO NAS FERIDAS

Decorreu nas instalações do PCP, de Esposende, a 27 de Setembro findo, a divulgação e o esclarecimento dos 12 objectivos, para o Distrito de Braga, no âmbito da campanha eleitoral "Legislativas/99".

O Eng.º Agostinho Lopes, cabeça de lista da CDU para o Distrito de Braga, na intervenção à comunicação social, deu conta dos objectivos para levar um deputado do distrito à assembleia da República.

No decorrer da exposição, criteriosa e concisa, o candidato a deputado por Braga, "pôs os dedos na ferida" do Governo socialista e recordou que a CDU votou sempre ao lado do PS, para fazer passar os projectos de Lei, para mudar o que estava por mudar, desde a maioria do Prof. Cavaco Silva.

A CDU acusa o Governo de manter as políticas de direita herdadas do mandato anterior. Assim: Saúde, Educação, Agricultura e Pescas, meio Ambiente, Transportes e acessibilidades aos centros populacionais do interior, tiveram no PS um digno seguidor das políticas do anterior governo.

Deu esclarecimentos sobre sondagens e os seus reflexos, que "pecam" pela extrapolação, embora sejam um indicador a estudar. Sobre a concentração de poderes ou a maioria absoluta (já em prática) pode levar à instabilidade, entre outros graves inconvenientes, para o país e para os trabalhadores, em geral.



Clínica Dentária Conde de Castro

Cláudia Silva / Sandra Silva
Médicas Dentistas

Horário de Funcionamento

2.º a 6.º feira: das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 19:30h
Sábado: das 9:30 às 12:30

Rua Conde de Castro, 25 - 1.º Esquerdo/Frente
4740 ESPOSENDE Telephone: 053. 96 16 16

INDEPENDÊNCIA E LIBERDADE (Continuado da pág. 1)

Era uma guerra contra o mundo inteiro. Valentes portugueses! Concomitantemente a sua expressão no mundo foi-se fragilizando. Hoje ainda bruxuleia algures essa chama de admiração pelo nosso país entre os povos colonizados? Ficou-nos a impressão, aliás com foros de convicção, que onde essa chama de saudosismo pátrio ocidental ainda permanece é exactamente entre o povo maubere ou seja entre o povo de Timor.

Esta convicção ou esta certeza despontou em nós quando, num qualquer mês de 1975 (ou seria 1974?), ouvimos o dr. Almeida Santos relatar na televisão as suas impressões sobre uma visita oficial feita recentemente a Timor. Ele viu que aquela pobre gente, isolada e distante, falava com amor a língua portuguesa e amava com mais amor a pátria mãe que era Portugal. O seu coração era um cadinho onde se enlaçavam duas civilizações: a oriental e a ocidental, e dois países: Portugal e Timor. Os timorenses eram também nossos irmãos.

Isto não caiu esquecimento. E perante a perspectiva de um genocídio brutal e gigantesco que se preparava para fazer imolar nas aras da cupidiz internacional um povo sereno mas lutador, Portugal soube estar a seu lado. chamou as atenções do mundo e almejou restituir aos timorenses aquilo que por eles sempre lutaram: a liberdade e a independência.

ARMANDO SARAIVA

(1) História da Expansão Portuguesa. Volume I, pág. 195.

(2) Citado por Kirti Chandhuri in História de Expansão Portuguesa. Volume I, pág. 184.

(3) Kirti Chandhuri - ob. cit.

OS CORREIOS – História e evolução desde a antiguidade

(CONTINUAÇÃO)

CONDUÇÕES DE MALAS

Segundo consta no Dicionário Postal de João Baptista Lopes, redigido entre 1878 e 1890, o encaminhamento das correspondências destinadas a Fão era por Barcelos. Porém, em 1860, já havia Estação Postal concluindo-se, então, que Fão trocava malas com a Direcção de Correios de Barcelos e ainda com Esposende.

O transporte das malas era feito por barqueiro empregado na paragem do rio, em condições irregulares, segundo consta na exposição enviada pela Junta de Paróquia de Fão ao Director geral dos Correios do Porto, em 31-8-1879, como já referimos.

O Correo chegava a Fão, em 1860, às 3.ª, 5.ª e sábados, às 11 horas e partia às 14 desses mesmos dias. Em 1879 chegava entre as 3,30h e as 4h da tarde, sendo expedido às 18,30h, mas ficava em "repouso" na Estação de Esposende, até às 7 horas do dia seguinte.

Inaugurada a ponte de "D. Luís Filipe" em 7-8-1892, foi possível fazer chegar a diligência até Fão, via Barcelos/Esposende. Era conhecida por "Mala Posta" pelo facto de transportar malas de correo. Será, também de supor que as malas passaram a ser diárias.

Em 15-7-1928 a chefe da Estação de Esposende remeteu um officio à Junta de paróquia para esta se pronunciar sobre a alteração do horário da condução de malas, efectuada a pé entre Esposende e Fão. Presumia-se que haveria atrasos pois chagaria só às 21h. Por isso, para se poupar percurso, os correios pretendiam que a mala deveria chegar a Fão de manhã, com a primeira expedição.

A Junta de Paróquia de Fão deu outro parecer: que as malas venham à noite às 21h e para que a expedição da tarde se fizesse, antes, às 15h. Apontaram que havia uma carreira de camionetas em ligação com o horário de verão dos comboios dos Caminhos de Ferro e pediram a utilização desta camioneta para a condução de malas. A Junta renova o pedido em 10-6-1929, mas a carreira só vinha até Esposende. Então, o Director do Serviço de Correios e Telégrafos de Braga solicitou, a 29-8-1929 para os informar se havia interesse em efectuar a condução motorizada entre Fão e Esposende, duas vezes por dia.

A Junta deu resposta negativa, mas a 21 de Outubro de 1919 indicou que, se fosse dado andamento ao pedido da Junta, não faltaria quem fizesse o serviço completo, duas vezes ao dia, entre Fão/Barcelos, de camioneta, mas a condução até Fão/Esposende não satisfazia os seus interesses.

O Director Distrital de Braga informou a Junta, em 3-12-1929, para mandar lavrar contrato com Mário Elias Gomes, afiançado por Manuel Gomes Penetra, ambos de Fão, para a condução de malas, em automóvel ou camioneta, entre Fão e Barcelos.

A 15-1-1930 a Junta regista em acta um voto e profundo reconhecimento ao chefe dos Serviços dos Correios e Telégrafos do Distrito de Braga por haver atendido o pedido para estender até Fão o transporte de

malas de correo. A 16-2-1930 comunicou-lhe o voto por via telegráfica.

Em 6-12-1938 a Junta, por telegrama, reclamou ao Director Geral dos Correios e Telégrafos, por as malas passarem a ser transportadas entre Esposende e Fão, em bicicleta, quando eram, anteriormente, em carro, entre Barcelos e Fão; queixaram-se, também, à Direcção Geral de Viação pelo facto da firma "Loureiro, Marques C.ª L.ª" que fazia o transporte das malas entre Barcelos e Fão, ter deixado de ir até Fão; reclamaram também junto da firma que alegou não lhe terem dado a concessão até Fão. Tratava-se da carreira para Braga.

A Direcção Geral de Viação respondeu que a firma tinha contrato com os Correios e Telégrafos, para transporte de malas entre Fão e Barcelos, desde 1-1-1938. Mas os serviços de Informação e Reclamações dos CTT(SIR), por officio 4725, responderam: "que o transporte da mala do Correo para a localidade não resultou qualquer prejuízo para o público sob o ponto de vista postal, que a esta Administração Geral pode interessar, com alegação de que houve redução de despesa, com manifesto beneficio para o Estado. E nada se alterou.

Posteriormente, talvez em 1944, a condução era feita duas vezes por dia, em bicicleta, entre Fão e Barcelos. Quando havia muito peso, caso das encomendas, eram despachadas pela carreira de camioneta de Braga para Esposende, que não praticava horários compatíveis.

Mais tarde, António Moreira, mais conhecido por António da Garagem, arrematou a condução de malas entre Barcelos e Fão, em automóvel. Seguiu-se-lhe, em 1960, Manuel do Nascimento (Maciel), de Marinhãs, também, em automóvel.

Com a motorização postal, em 1972, o Correo passou a ter rede própria, que irradiava da central dos Correios do Porto, carreiras periféricas e regionais que chegavam até Monção e Castro Laboreiro, por Melgaço e servia a Estação a norte do Porto. Todavia, para dar intervalo à carreira, os pontos de paragem diminuíram substancialmente. Houve necessidade de trocar mala com Esposende através de veículos dos CTT, conduzido por carteiro. De início, um triciclo deixava a mala em Fão e seguia até Apúlia, onde fazia a distribuição domiciliária. Por razões técnicas e operacionais, o triciclo foi substituído por viatura, também dos CTT. Com a centralização dos carteiros no Centro de Distribuição Postal de Esposende, as conduções foram extintas.

Antes da motorização e da rede rodoviária própria dos CTT, a partir de Fão, as freguesias próximas beneficiavam de condução de malas: a pé, para Fonte Boa e Rio Tinto, de que era condutora uma senhora Carolina e depois, por Isaura de Jesus dos Reis, de Fão. A partir daqui, fazia-se uma condução a pé, até Apúlia e volta, diária. Consta no texto de Apúlia.

Carlos Mariz e Artur Costa

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Não fui este Verão, ver as "minhas" pedras.

Foi pena. Estive no Vidago, entre bosques e parques, olhos, a ver ao longe, um mar inacessível.

Mas é um quadro tão meu conhecido que sou capaz de o trazer a meus olhos, sempre que a saudade (oh! saudade!) me ataca os dias sombrios, iguais, escorrendo incerteza e nostalgia.

E noites, adormecidas com fármaco.

Chove, num princípio de Outono eivado de melancolia.

Não aquela melancolia própria da época, carismada de hipotéticos pincéis e baladas mas de uma melancolia que cobre o coração da gente, sem poesia, sem beleza.

Um destes dias, eu ia a entrar no meu bloco, ajardinado assim um pouco "ad hoc", e reparei numas lindíssimas folhas vermelhas que, misturadas com as verdes, acordaram em mim a recordação dos meus outonos de outrora...

Bem. Talvez nem tudo esteja perdido, ainda.

É o tempo das vindimas. Passou também a visão desse quadro de sempre.

Agora, vindimam-se sonhos, esperanças e esperas.

Não há lugar para a espera, é a vindima dos cachos e de todas as esperas douradas.

Fica em mim esta tristeza funda, de recordações dum passado de promessas.

Parece que já fiz tudo.

Mas não: acabou um Verão longo, insuportável de quente, aqui neste vale, e eu que tenho como certo, uns dias junto ao mar, presa de compromissos que só eu vejo, deixei-me ficar na montanha e não descí ao postal ilustrado de ondas enrugando a paisagem, ora enevoada, ora brilhante de um sol como nunca vi outro.

E as "minhas, pedras? Pé aqui, pé ali, quase dançando em passinhos muito leves, quando a alma se desafoga e se veste de uma harmonia salgada e doce.

A velhice traz, inevitavelmente, este apelo às raízes.

O cordão umbilical nunca se corta, apesar dos percursos, das mudanças e dos caprichos da vida que nos foi dado viver.

Mas isto, mal comparado, é como a asma alérgica: doentes da montanha devem ir para o litoral; os do litoral para a montanha.

Só que eu (felizmente) não sou asmática, mas que repiro melhor junto do mar, salgado e doce, é verdade.

Oh! Mar salgado

Quando do teu sal

São Lágrimas de Portugal!...

Mas isso é uma outra história.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Praça Frei Bartolomeu dos Mártires, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE - TELEF. (063) 96 15 66

PATRIMÓNIO NATURAL POLÉMICO



Em Ofir, não são coincidentes os pontos de vista dos que defendem a preservação de uma zona de património natural e dos donos de terrenos. Todos, contudo, parecem estar de acordo que os "domingueiros" é que degradam o pinhal.

A "paisagem" de Ofir está muito (des)protegida

Hotel do Pinhal poderá ser remodelado por falta de parecer em tempo útil do Instituto de Conservação da Natureza

Por FÁRIA DE MORAIS

Depois do parecer negativo da Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende (APPLE) sobre a remodelação do Hotel do Pinhal, em Fão, por excesso de volumetria e maior área de impermeabilização, o segundo projecto da "Mitur" poderá ser tacitamente deferido, por falta do respectivo parecer do Instituto de Conservação da Natureza (ICN) em "tempo útil".

Os serviços centrais do ICN tinham pedido a prorrogação do prazo para emitir o tal parecer, porém, ainda o não enviaram. O mesmo sucedeu relativamente a processos sobre construção de moradias, três em Cepães, em Marinhas e outra em Pedrinhas, em Apúlia, zona em que, paradoxalmente, foram anunciadas demolições e renaturalização do coberto vegetal.

Desde a mudança de Fernando Gonçalves, ex-director da APPLE, para o Instituto de Promoção Ambiental (IPAM), onde exerce o cargo de vice-presidente, o presidente do ICN ocupa, cumulativamente, o cargo de director da APPLE.

Loteamento em Ofir

Entretanto, prossegue o braço-de-ferro entre a Câmara Municipal e o ICN, a propósito do loteamento em Ofir, na vila de Fão, dentro dos limites da APPLE – e interdito pelo Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC), por se tratar de uma "barreira de protecção a área dunar" – aprovado pela autarquia e contestado por alguma população fangueira.

Segundo a APPLE, o loteamento foi autorizado sem a sua aprovação e com violação do Plano Director Municipal (PDM).

A Câmara de Esposende, após audição da APPLE e da CCRN, em Julho de 1993, deferiu a pretensão do requerente. A decisão é vinculativa para a autarquia, que fica sujeita a indemnização se contrariar a expectativa do promotor imobiliário.

A autarquia observa que, sendo a deliberação construtiva de direitos, devia o PDM levar esse facto em consideração.

O pedido de licenciamento do loteamento (que passou de sete para 11 moradias) foi apresentado em Julho de 1994. Como a Câmara Municipal não se pronunciou no prazo de 45 dias, verificou-se deferimento tácito.

A APPLE contra-argumenta sublinhando que

o pedido de informação prévia de loteamento era um terreno de 15 mil metros quadrados e não de 22 mil. Considera, ainda, ilegal o acto administrativo (da autarquia) por violação do direito a um ambiente sadio e ecologicamente equilibrado. E, sendo o acto ilegal, não há lugar a deferimento tácito.

Bonança

O índice de construção no pinhal da Bonança poderá ser maior que o previsto no PDM, alertam os defensores desse património natural. De



O cimento ocupa o lugar que já foi pinhal

momento, encontra-se lá instalado um estaleiro de apoio a uma obra no lugar dos Lírios. Entretanto, prossegue a construção de empreendimentos com numerosos apartamentos na Avenida António Veiga, que liga a vila à praia.

O pinhal da Bonança, por sua vez encontra-se degradado, devido ao alheamento dos proprietários e à invasão motorizada dos domingueiros.

Algumas zonas do pinhal, apetecíveis à especulação imobiliária, nunca foram vedadas ao acesso de carros. E, agora, segundo determinações do POOC, isso tornar-se-á mais complicado. A urbanização é, obviamente, mais lucrativa que a (re)florestação.

Enquanto a praia e área dunar se encontram sujeitas a forte pressão urbanística, o rio não esconde sinais de poluição (tinturarias, de Barcelos e a localizada na futura zona industrial de Fão, de onde escondem

Não há uma placa a sinalizar o lugar à beira-mar da vila de Fão

Ofir é um lugar da vila de Fão, no concelho de Esposende. Os fangueiros reagem com desagrado sempre que qualquer endereço ou mensagem associe o nome de Ofir ao da cidade a Norte do Cávado e não ao da vila a sul do rio.

Bairrismos

No fundo, são fervores bairristas, agora mais mitigados, devidos, em parte, à rivalidade de vizinhos e a decisões consideradas discriminatórias, ou pelo menos discutíveis, ao longo dos tempos por parte da sede administrativa.

Estranhamente, quem sair do IC1 e prosseguir pela velha EN13, não encontra qualquer placa indicativa de Ofir. Se não sabe onde é, terá de perguntar onde fica. O que não dá jeito algum, principalmente quando se percorre uma via rápida.

efluentes multicolores para o Paul) e reduzido causal, a que não é estranha a captação a montante para abastecimento de água a outros concelhos.

Com o envelhecimento e devastação do pinhal, Ofir pode ganhar como "segunda residência" mas corre o risco de tornar-se menos apetecível do ponto de vista turístico.

Na verdade, o que esteve na origem e crescimento da zona turística, que terá conhecido o apogeu na década de 60, foi o seu excepcional património natural.

In "JN" de 11-8-1999

(Continua no próx. número)



Hotel do Pinhal poderá ter as remodelações que os seus responsáveis

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Cá está o Outono, com a paisagem tranquila e suave que convida à reflexão e... ao estudo! Vamos lá trabalhar, com vista a bons resultados?

SAUDADE

Estas noites quentes, que chegaram antes do seu tempo, fazem-me pensar em ti e em como também nós nos encontramos antes do nosso tempo. Quando saber qual é altura certa? Não o poderei nunca saber, mas tudo em mim me faz crer que sem ti me sentiria como uma árvore despida em plena primavera, sem o doce odor das flores que desabrocham e sorriem para o sol em cada dia que acorda, precioso e único, agitando as suas misteriosas corolas na aragem suave e carinhosa.

Todos os fins de tarde espero que passes junto da minha janela, longamente, em vão, até que a sombra a envolve toda na sua tristeza solitária. Continuo a imaginar-te a entrar por essa porta aberta e ansiosa pela tua presença, com o rosto cansado do homem que trabalha até tarde e no fim do dia tem a sua recompensa. No meu regaço terás o teu descanso, ouvirás a doce melodia do meu coração batendo desenfreado e o timbre doloroso de paixão do meu corpo que é só teu.

Espero o teu beijo demorado, intenso, raro como as andorinhas no Outono, desejado como a chuva no deserto, envolvente como areias movediças.

É este o sentimento que me orienta as manhãs, as tardes e as noites intermináveis. Alguns chamam-lhe amor, outros paixão. Eu chamo-lhe simplesmente saudade.

MARTA MARIZ MENDES

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

Eu...

Sou a Máscara da
Máscara de Mim...

Fio de água de rio
que desagua no Mar,
e se perde na

vastidão do "Eu"

Seu fugitivo

fingindo ser o fingimento

que fingiu ser...

Eu - o outro - aquele que

não tem Máscaras... Eu

Máscara, mascarado de Mim...

Parto de Mim e termino

em que não

sou!...

ANA GONÇALVES



Desenho de JOANA SÍLVIA (10 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Durante a 2.ª Guerra Mundial, os aviões alemães bombardeiam Londres. A cidade fica em parte destruída e os bombeiros ingleses apressam-se a procurar vítimas nas ruínas dos prédios atingidos.

A certa altura, retiram dos escombros um homem, sem qualquer ferimento, mas a rir, a rir à gargalhada.

Os bombeiros entreolharam-se, com pena, e um disse:

- Coitado! Enlouqueceu com o susto!

Outro bombeiro, dirigindo-se ao homem, perguntou:

- Porque é que o senhor se ri tanto, não pára de se rir?

O Homem, ainda rindo, responde:

- Ai! Nem queira saber! Foi tão engraçado! Imagine que eu estava no quarto de banho; e, quando puxei o autoclismo, caiu a casa toda!!!

Um jovem vivia numa terra onde o homem do talho era uma pessoa muito calma, que não se irritava nem zangava facilmente.

Esse jovem, um dia, em conversa com um amigo, apostou que era capaz de, só com duas palavras, fazer zangar o carneiro. O amigo, que gostava muito de apostas, concordou.

Então, o jovem, chegou à porta do talho e perguntou:

- diga-me, por favor, o senhor tem cabeça de porco?

- Tenho sim, - respondeu o homem, simpaticamente.

Diz o jovem:

- Então... ronque!

Escusado será dizer que ganhou a aposta...

No Limiar do Sonho

Um dia percorri mares

Sobrevoei oceanos

E encontrei-te a ti

Um sonho a preto e branco

Que vivi a cores

E sei que és tela em que me pintam

Sonho para te ver mais perto

Mas não venhas já

Porque o sonho só agora começou!

FILIPA MAGALHÃES

CASAMENTOS

• No mosteiro do Bom Jesus de Fão a Dr.ª Ana Paula Lavadeiras do Monte e o Eng.º Paulo Jorge Martins, celebraram o seu casamento, no dia 4 de Setembro. O padre celebrante era amigo de há muitos anos do saudoso Cândido Lavadeiras, pai da noiva.

O Grupo Coral esteve muito bem com os seus cânticos alusivos à cerimónia que foi muito participada e vivida por todos os familiares e amigos presentes.

Após a cerimónia religiosa, seguiu-se o banquete na Estalagem Zende.

Os noivos partiram em viagem de núpcias para a ilha da Madeira e irão fixar residência na cidade de Bragança, onde a noiva é professora no Instituto Politécnico.

Desejamos as maiores felicidades e venturas a estes jovens noivos que um dia cruzaram os seus caminhos na Universidade da Covilhã, aproximando assim, famílias de Fão e Vila de Rei, Castelo Branco.

R.F.

• No passado dia 26 de Setembro de 1999, na capela de Nossa Senhora de Monserrate, Paróquia de São Mamede em Lisboa, realizou-se o casamento da Dr.ª Emília Ferreira Fernandes Matias, licenciada em direito, filha do nosso conterrâneo José Maria Fernandes Matias e de Dina Rosa Ferreira Fernandes Matias, com o Dr. Albertino Manuel Carvalho Ferreira dos Santos, licenciado em Gestão, filho do Industrial Senhor Querindo Ferreira dos Santos e de D. Ema Ferreira dos Santos.

O matrimónio foi solenemente celebrado pelo reverendo Padre Dr. Manuel Gonçalves Pedro e, abrilhantado pelo prestigioso Coral Renovação. No final da cerimónia os noivos receberam das mãos do senhor Padre Dr. Gonçalves Pedro um valioso pergaminho recém-chegado do Vaticano com a Bênção Papal.

Após a cerimónia religiosa, foi servido na Quinta dos Pisões, em Colares um requintado copo de Água.

Entre familiares, colegas e amigos estiveram presentes os nossos ilustres conterrâneos Prof. Doutor Rui Agonia e esposa D. Maria Alice, o meritíssimo Juiz Dr. José Fonseca e esposa Dr.ª Rosa Torres, seu filho o Dr. Juiz Manuel José e noiva, e o industrial Sr. Felix da Costa e esposa.

Depois da boda, os noivos partiram em viagem de núpcias para Tenerife Hotel de Las Palmeiras.

J.M.

Médicos e especialistas a laborar no Hospital de Fão:

CARDIOLOGIA - Dr. Machado Lemos
 CIRURGIA GERAL - Dr. Horácio Queirós/Dr. Macedo Garrido
 CIRURGIA PEDIÁTRICA - Dr. José Luís Carvalho/Prof. Dr. Estêvão Costa
 CIRURGIA VASCULAR - Dr. Norton de Matos
 DERMATOLOGIA - Dr. Armando Rozeira
 ESTOMATOLOGIA - Dr. Sérgio Torres/Dr. Paulo Miller - ORTOPANTOMOGRÁFIA
 ENDOCRINOLOGIA - Dr. Duarte Pignatelli
 GASTROENTEROLOGIA - Prof. Dr. Jorge Areias
 GINE/OSBT - Prof.ª Dr.ª Amélia Ferraz/Dr. Luís Carvalho/Dr. Rodrigo
 NEUROLOGIA - Prof. Dr. Carlos Lopes
 NUTRICIONISMO - Dr. Isabel Moreira
 OFTALMOLOGIA - Dr. José Ribeiro
 ORTOPEDIA - Dr. Mário Meneses/Dr. Peres Filipe
 OTORRINOLARINGOLOGIA - Dr. Custódio Costa/Dr. Torres Santos
 PEDIATRIA - Prof.ª Dr.ª Herclia Guimarães

PNEUMOLOGIA - Dr. Paula Mano
 PSIQUIATRIA - Dr. Mário Vale Lima
 UROLOGIA - Dr. Rui Lages
 CLÍNICA GERAL - Dr. Carvalho de Matos/Dr. Alberto Loureiro/Dr. José Albino/Dr. Veríssimo/Dr. João Vieira/Dr. José Faria/Dr. Tomé Ramos
 FISIOTERAPIA - Dr.ª Dulcinia/Dr.ª Anabela
 ANÁLISES CLÍNICAS - Dr.ª Graça Salcedo
 ENDOSCOPIA - Prof. Dr. Jorge Areias
 ECOGRAFIA - Dr. Reis Carneiro/Dr. Pina Vaz/Dr. Miguel Carneiro/Dr. Fausto Ferraz
 MAMOGRAFIA - Tec. Ana Maria Ferreira/Tec. Teresa
 RADIOLOGIA - Tec. Ana Maria Ferreira/Tec. Carvalho/Tec. Ana Miranda
 ECOCARDIOGRAFIA/ECG/ECG COM PROVA DE ESFORÇO - Dr. Machado Lemos
 TOMOGRAFIA AXIAL COMPUTORIZADA (TAC) - Dr. João Carlos Costa
 CARDIOTOCOGRAFIA - Prf. Dr.ª Amélia Ferraz/Dr. Luís Carvalho/Dr. Rodrigo

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
 SANGUE: o dever de dar,
 antes do direito de o receber



Investimentos e Gestão Imobiliária, Lda.

Av. Visconde de S. Januário, 1 A
 Tel./Fax: (053) 982730 - 4740 FÃO

FALECIMENTOS

Na cidade de S. Paulo, faleceu recentemente, ao fim de doença prolongada, o nosso conterrâneo e assinante Felix da Fonte Gaifém.

Desde muito novo que se radicara na cidade paulista, mas nunca esqueceu a sua terra. Todos os anos na Pascoela, enviava uma lista de donativos angariados entre amigos para as Festas do Senhor de Fão. Sempre que era solicitado, ajudava também o futebol, o templo do Bom Jesus e outras organizações fangeiras.

A última vez que esteve em Fão, foi há 25 anos por ocasião do falecimento de sua mãe. Contava 61 anos de idade.

A toda a família enlutada, os nossos pêsames.

• Um tanto surpreendentemente faleceu em Fão Inocêncio Mariz Moreira, natural de Fonteboa e a viver actualmente no Forno de Cal, na casa da família do dr. Mário Basto, onde exercia as funções de caseiro. Substituiu o sr. Henrique.

O Inocêncio sobressaiu como cantor sui generis. Era diferente a cantar e nós comparávamo-lo muito ao António Variações. Algumas vezes actuou em revistas da terra. Ele nunca dizia não. Morreu novo: 55 anos.

A sua esposa expressamos o nosso pesar.

De arquitectura apalaçada...

(Ao meu saudoso irmão, Júlio do Vale, também conhecido por "Júlio Canossas")

A sua casa era mesmo aquela!
 O seu nome estava lá, escrito no portão!
 - É que, para lá daquela arquitectura,
 Apalaçada, mas dura,
 Jazia, afinal, o meu irmão!...
 A tristeza apertou demais o meu peito
 E me senti sufocar...
 Queria ter amnconrado em mim um jeito:
 À morte, o meu irmão arrancar!
 Uma brisa suave acariciou o meu rosto,
 Pálido, sofrido de cansaço e de desgosto...
 Mas algo me despertou:
 É que, naquela brisa tão doce,
 Me pareceu ter sentido
 Que o meu irmão me abraçou!...
 Aquela hora, respirava-se um silêncio sepulcral...
 Fechei os olhos e respirei bem fundo...
 Senti que pairava no ar um perfume divino!...
 O dia começava a clarear,
 E, mesmo ali tão perto, mesmo ao pé de mim,
 A natureza se mostrava, expondo sua beleza,
 Perfumada de rosas e jazmim...
 Havia rosas, muitas rosas,
 Coloridas e víscas,
 Debruçadas nas janelas...
 E um pássaro, cantando uma doce melodia,
 Saía do meio delas!...
 Gotas de orvalho desciam
 Pelas pétalas de cada rosa, por cada rosa em botão...
 Cheguei a pensar se não seriam
 Lágrimas de amor sofridas,
 All deixadas cair
 Dos olhos do meu irmão!...

Maria Duval



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
 APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 6 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 018 - 60 83 748 - FAX 66 73 65
 LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 769 72 04 - FAX 7697206

Por acaso chegou ao nosso conhecimento a notícia de que actualmente são duas as estudantes portuguesas que ao abrigo do Programa Erasmus, organizado pela Comunidade Europeia, se encontram a estudar em Itália. Uma delas é fangueira, ou antes, é filha de mãe fangueira e desde os dois anos que habita Fão. Chama-se Celmira Clara Mariz Pedras Correia e, como já descobrimos, é neta do Alberto Pedras.

Não é muito usual que a nossa juventude se desloque para o estrangeiro a fim de estudar e, por isso, tivemos uma conversazinha com a Celmira, desejando que ela nos contasse como aparece matriculada na Itália, como é que isso foi possível, e para mais subsidiada parcialmente pelo governo daquele país. Na Idade Média, no Renascimento e ainda no século XVIII, eram muitos os portugueses que iam estudar para fora; mas actualmente, com tantas universidades existentes no território nacional, torna-se um caso raro, tanto mais que em Fão não abundam famílias cujas posses permitam ter os filhos a estudar no estrangeiro.

Carreira de estudos

- Como é que foi?
- Vamos começar pelo princípio. Fiz os primeiros estudos na escola Amorim Campos, cá



Celmira Clara Mariz Pedras Correia

em Fão. Passei em seguida para o Ciclo em Esposende e depois para o Ensino Secundário, na Escola Henrique Medina, também em Esposende. Entretanto estive na Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto, onde estudei o meu tio Ramiro, a fazer um curso de Química, Física e Matemática e depois na Faculdade de Letras em Geografia, até acabar o 2.º ano. Por essa altura concorri ao Programa Erasmus que nos permite estudar numa universidade estrangeira dentro de um estado membro da Comunidade Europeia. O factor principal de admissão são as notas.

- Quem arca com as despesas?
- Elas dão uma bolsa que se chama Bolsa de Mobilidade que não paga tudo: ajuda. Digamos que serão uns 20, 30% dum total que pode ir aos 120, 130 contos.

Uma "fangueira" em Itália

Por A.S.

- Quando foi para a Itália em que ano estava?
- Eu fui para lá no dia 20 de Outubro e iniciei o terceiro ano, mas sempre com a matrícula na universidade de cá.

- O que a levou a concorrer ao estrangeiro?
- São sempre formas diversificadas de estudar, é uma maneira ou um processo de conhecer a língua e eu adoro o italiano, a mentalidade italiana, a sua cultura. É também uma forma de conviver com pessoas revestidas de novas mentalidades, de entrar num outro ritmo de vida, num quotidiano muito diferente daquele até então vivido por nós.

- Não há aqui um pouco de espírito aventureiro?

- Há, sim senhor. Na família temos muito esse espírito. Espírito não de turista, mas de viajante.

- ?...
- Turista é aquele que vai ver, diz que é bonito e depois vem embora. Nós já gostamos de ir a um sítio para ver e perceber por que é que as coisas são assim. E foi isto que eu fiz em Lecce: entrar no ritmo deles, comer o que eles comem, vestir o que eles vestem, fazer as mesmas coisas que eles fazem e perceber por que é que as coisas são assim.

Missionarização dos pais

- Neste momento onde é que estão os seus pais?

- Na África. São missionários.
- Explique melhor isso.
- Os meus pais foram para a África muito cedo. Lá estudaram, conheceram-se arranjam emprego; o meu pai, num banco, e minha mãe, no ensino básico - casaram e tiveram três meninas - eu sou a mais nova. Podemos dizer que a vida era bela. O clima proporcionava um maior convívio entre as pessoas. Não havia televisão, mas havia muito espírito de unidade. Algumas famílias cozinhavam juntas e comiam juntas. Aconteceu que surgiu a guerra e todos tiveram que fugir. Mas a África é mágica. Aqueles que lá estiveram ficam como que encantados pela terra e têm sempre vontade de lá voltar. E foi isso que aconteceu com os meus pais. Acho que foi uma promessa que fizeram a eles próprios - agora vamos porque temos que ir, estava-se no meio de uma guerra, mas um dia voltaremos. E voltaram. Neste momento estão reformados e em vez de estarem a passar o tempo não se sabe bem como, e porque são pessoas muito novas e muito activas, com uma mentalidade muito aberta e virada para os outros, e porque não tem necessidade de trabalhar para se alimentarem, para sobreviverem, voltaram a África para ajudarem os outros. Estão a trabalhar directamente com os refugiados.

- Digamos que por amor.
- É isso mesmo: por amor. Sempre olhavam os outros de uma forma não egoísta. Gostavam de se dar. Sempre tiveram esse espírito. Inicialmente a vida não lhes permitia uma doação total. A família impunha as suas regras. Mas agora sim. Estavam livres. Entregaram-se pois a uma associação que é O Serviço Jesuíta aos Refugiados e ofereceram o seu trabalho aos refugiados de Angola. Minha mãe vai promover um programa de educação para o ensino de português, tendo em

conta que os chamados "filhos da guerra" ou seja, aqueles que nasceram no período da guerra, não sabem o português (sabem os dialectos), que é a língua oficial, e ninguém pode competir no mercado do trabalho sem saber a nossa língua; o meu pai vai desenvolver aquilo que poderemos chamar a parte administrativa, vai tentar pôr as coisas em ordem porque com a guerra entrou-se no caos, no salve-se quem puder, e o meu pai, como trabalhou num banco e, portanto, como estava habituado às burocracias, vai tentar dar uma ajuda. Eles não vão só ensinar o português e a administração. Há também o apoio social, saber ouvir o refugiado, tentar resolver os seus múltiplos problemas, compreender a sua angústia, o seu desespero, enfim, resolver um sem número de coisas de que só se apercebem aqueles que já viveram ou contactaram com um campo de refugiados. Eles não são emigrantes. Não são pessoas que vão daqui para explorar. São pessoas que vão daqui para ajudar. Têm o estatuto de missionários leigos. Essa aludida organização dá o apoio total.

Irmãs funcionárias

- Constatou-me que tem duas irmãs a trabalhar em África.

- Sim, na Zâmbia que é uma ex-colónia inglesa.

- O que fazem elas lá?
- Célia, a mais velha, desenvolve um projecto de saúde, ligado à educação. Frequentou aqui a universidade durante três anos, mas não fez a licenciatura em História, pois foi um dos muitos portugueses que se desiludiu com o ensino universitário. Está ligada a um projecto de saúde que consiste primordialmente em convencer as pessoas a irem ao médico, a não deixarem as coisas p'rá última hora, a não terem os filhos em condições sub-humanas, em ensiná-las a terem os cuidados básicos e primários. A Cláudia, licenciada em Relações Internacionais, desenvolve um projecto de educação no campo de refugiados, no qual, além de fazer a administração do próprio campo, forma escolas, forma professores que por seu lado vão ensinar português à comunidade angolana para que os seus membros possam voltar aos países de origem, aptos a trabalhar.

- Por que foi que não seguiu para a África com as suas irmãs?

- Porque elas estudaram em África, eram crescidinhas quando saíram de lá, tinham amigos, ficaram com aquela nostalgia, com o sentimento de voltar. Eu saí de lá muito novinha - tinha dois anos - e pronto não adquiri aquela capacidade para viver em África. Mas eu já lá voltei: estive em Angola, na Zâmbia, na África do Sul e em Zimbábue. Claro que passei mais tempo na Zâmbia, pois tinha lá as minhas irmãs. Estive no campo de refugiados que foi uma experiência fantástica, muito dolorosa, sob o ponto de vista afectivo, mas muito enriquecedora.

Campo de refugiados

- O que é afinal um campo de refugiados?

FUTEBOL

• O Hospital de Fão ofereceu uma carrinha ao futebol; a mesma foi virada do avesso na oficina do Zé Carriço. Ficou bonita com o nome do clube bem visível. O Clube Futebol de Fão fica grato a ambos.

• Futebol Juvenil:

Dissemos, no final da época transacta, que a participação de uma equipa de Juvenis no campeonato oficial valeu a pena, não tanto pelos resultados desportivos, mas porque o futebol juvenil estava adormecido há quatro anos. Agora dizemos que valeu a pena duas vezes, pois o clube vai participar este ano com duas equipas, uma de Infantis orientada pelo José Abel, já com alguma experiência no assunto ao serviço do Águias de Serpa Pinto, e outra de Juvenis, a cargo de Eurico Oliveira, antigo atleta do clube e seu filho que também iniciou a sua actividade futebolística nas camadas jovens do Fão. O dirigente responsável nesta área é o Américo Atílio.

LUSOS E GALEGOS EM LANHELAS

O Germano Ramalhosa, um amigo cá de Fão, realizou a sétima edição da festa Luso-Galaica na sua excelente Casa da Anta, Hotel Rural, em Lanhelas. E se faltaram algumas câmaras municipais e "Ayuntamientos", há que assinalar a presença de duas centenas de amigos, entre eles o dr. Varejão Barbosa (vice-consul de Portugal em Vigo), os "Mandatários da Amizade" de Lisboa, alguns veteranos da Académica, a gastronomia dos

rojões, creme queimado, "roscon" e tarta de Santiago, a música das gaitas de foles do "Val Fragoso" e da excelente orquestra "Gran Parada" e o regionalismo do etnográfico de Vila Praia de Âncora. E até aqui a Fão chegaram os ecos de uma festa animada que terminou a cantar que "todos os seres humanos devem ser irmãos". Aprovado e apoiado, escreve o "Novo Fangeiro"...



O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

ESTATUTOS DE 1873

Em 25-8-1873 a Assembleia geral de Irmãos aprovou novos Estatutos da "Real Irmandade do Senhor Bom Jesus de Fão. A acta está anexa aos Estatutos. Está assinada por quarenta e dois irmãos, entre eles quatro padres fangeiros.

O Doutor Justino Marques Murta, Secretário-Geral, servindo de Governador Civil, aprovou os novos Estatutos por Alvará de 8-2-1875.

Introduziu algumas alterações no texto, suprimindo o artigo 68.º, o parágrafo único do artigo 4.º e o parágrafo 4.º do artigo 59.º determinou que a verba destinada a beneficência seria aplicada "conforme mandar o Governo Civil".

O Senhor Arcebispo de Braga, Dom João Crisóstimo Amorim Pessoa, aprovou-os por Previsão de 2 de Julho de 1877.

Os Estatutos tinham 71 artigos, divididos em dez capítulos.

O artigo 71.º revogava o Estatuto de 1 de Fevereiro de 1723 e anulava todos os termos, deliberações e mais costumes "afim de que só estes novos Estatutos fiquem sendo d'ora avante a única lei e compromisso desta Irmandade".

Algumas disposições estatutárias:

Fins da Irmandade: "Promover o culto regular de Deus, adquirir para os Irmãos os socorros espirituais que tais instituições podem e devem proporcionar" (art.º 1.º).

O artigo 27.º, n.º 25, determinava a inscrição no Orçamento de uma verba para subsídios do ensino primário em Fão e o seu n.º 26 mandava aplicar a actos

de benemerência para o Hospital de Fão ou para quem a autoridade civil determinasse, pelo menos, um décimo da receita ordinária.

Obrigações dos irmãos – Pagar uma jóia de entrada de mil e quinhentos réis e, em caso de perigo de vida, três mil réis (art.º 4.º e 7.º) e aceitar os cargos para que fossem eleitos (art.º 4.º). Acabou com os anuais.

Direitos dos Irmãos – Todos tinham direito a votar e serem votados para cargos da Irmandade, aos competentes sinais nos sinos da Irmandade, logo que constasse o seu falecimento e a serem acompanhados pela Irmandade ao seu jazigo no dia do seu enterramento, quando se verificasse nos limites de Fão (art.º 5.º) e ao sufrágio de sete missas (art.º 9.º), a serem celebradas, sempre que possível, no Templo do Senhor Bom Jesus e no prazo de vinte dias após o falecimento (art.º 10.º e 11.º).

O artigo 59.º restringia a eleição para cargos da Irmandade, não permitindo a eleição de:

- 1.º – "Irmãos que recebessem salário da casa;
- 2.º – Os que não sejam chãos e abonados, e pagarem de contribuição predial quantia inferior a seiscientos réis;
- 3.º Os que tiverem feito parte da Mesa dissolvida pela Autoridade Superior, mas só na primeira eleição posterior à dissolução;
- 4.º – os que não souberem ler, nem escrever e os que forem devedores à Confraria".

O artigo 6.º também não permitia a eleição de irmãos com idade inferior a vinte e um anos.

Mulheres e menores – As mulheres, ainda que casadas, e os menores, só podiam entrar para irmãos com autorização escrita dos maridos, pais ou tutores (art.º 6.º).

Embora o texto o não refira expressamente, as mulheres não tinham direito a voto e serem votadas, a exemplo do que sucedia na sociedade civil, em que só adquiriram o direito ao voto por decisão do Tribunal Constitucional em 1911.

Sufrágios – Além das missas já referidas por cada irmão falecido, a Mesa era obrigada a mandar celebrar em Novembro, de cada ano, um ofício pelas almas dos irmãos e benfeitores (art.º 12.º).

Lei da Separação de 20-4-1911 – A publicação desta lei, que separava o Estado da Igreja, obrigou a uma reunião dos Irmãos, em Assembleia geral, a 20-12-1911, que aprovou três artigos, que fixaram:

Art.º A – "A Confraria do Senhor Bom Jesus... continuará a conformar-se com a doutrina e disciplina da Religião Católica, Apostólica Romana;

Art.º B – A mesma Corporação, desde 31 de Dezembro de mil novecentos e onze, em diante, ficará a ser... sociedade de beneficência, nos termos dos artigos trinta e oito e sessenta e nove da Lei de separação, devendo gastar no culto especificado nos seus Estatutos, somente o que lhe foi permitido por lei".

Art.º C – "A Confraria exercerá a beneficência pública entregando ao Asilo dos Pobres de S. João de Deus, desta freguesia de Fão, a verba que legalmente for determinada aquele fim..."

Nesta Assembleia geral resolveram solicitar a aprovação do Governador Civil e do Senhor Arcebispo e pedir a redução dos legados e aguardar a regulamentação da Lei de Separação, ficando esta Lei como principal lei Estatutária. Após a regulamentação da lei, seriam elaborados novos Estatutos.

DESFOLHADA

Foi no dia 25 a Desfolhada da Cooperativa Cultural. Começou em Gandra e acabou no Pacheco, no campo do Zé Mena. Esquemáticamente foi assim, mas realmente não foi tal e qual. É que marcaram o início para um lugar e afinal foi noutro. Mal da história: alguns não almejavam chegar ao local da desfolha.

Mas, no final, não faltaram o bolo, as sardinhas, malguinhas de tinto nem os sanfonetas.

Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

Gabinete de Optometria e Contactologia

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 – 4700 BRAGA

PÁGINA AGRÍCOLA



A VENTILAÇÃO NA ARMAZENAGEM DE BATATAS

A batata é um produto agrícola que, na maior parte dos casos, é armazenado durante algum tempo antes de ser consumido.

Durante a armazenagem deve tentar preservar-se ao máximo a qualidade e a quantidade do produto. Uma boa ventilação do armazém, é de grande importância e tem uma influência positiva em diversos fenómenos, durante o processo de conservação.

Secagem

Uma ventilação conveniente elimina o excesso de água à superfície do tubérculo. Deve iniciar-se o mais rapidamente possível, podendo prolongar-se durante vários dias e mesmo durante semanas, conforme a temperatura. Tubérculos bem secos impedem o avanço de possíveis podridões.

Cicatrização

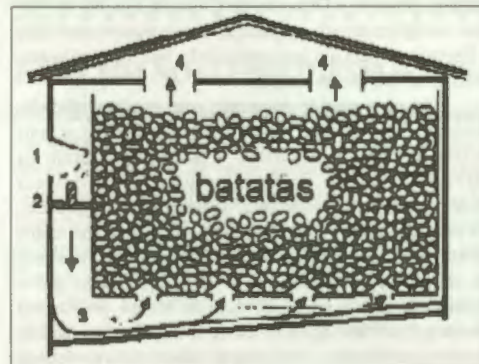
A presença de feridas nos tubérculos, provocadas pelo seu manuseamento, é uma porta de entrada para doenças, bem como um local importante de transpiração, que se traduz em perdas de peso.

Uma rápida cicatrização é desejável para evitar quaisquer destes fenómenos. A ventilação desempenha um papel muito importante ao promover a cicatrização dos tubérculos.

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO

Tempo de cicatrização, conforme a temperatura

Temperatura	Tempo de cicatrização
5°C	6 semanas
10°C	1 a 2 semanas
20°C	3 a 6 dias



Esquema de um armazém de batatas moderno:
1. Aberturas; 2. Ventilador; 3. Condutas de ar sob o solo; 4. Saídas de ar

Tratamentos fitossanitários

A ventilação facilita os tratamentos fitossanitários de produtos armazenados. O fitofármaco é transportado pela corrente de ar através da pilha, podendo chegar até aos pontos mais distantes. Os casos mais vulgares são os tratamentos para impedir o abrolhamento e contra a traça.

(Continua no próximo número)

(Continuado do número anterior)

PIMENTEIRO - Protecção fitossanitária

Doenças / Pragas / Infestantes		Produtos a aplicar (Substância activa)	Época de tratamento (seguir, sempre que existam, as recomendações dos Serviços de Avisos)
PRAGAS	Ácaros	Acrinatrina (19)	Sempre que ocorram infestações
	Afídeos	imidaclopride (20) fosfamidação (21)	
	Larvas mineiras	citomazina (22)	
	Mosca branca	alfa-cipemetrina (23) buprofezina (24) cipermetrina (25) lambda-cialorina (26)	
	Noctuas ou roscas	diazinão (27) lindano (28)	
	Trips	Acrinatrina (29)	
	Tripe da Califórnia	metiocarbe (30)	Aplicar no início do ataque e repetir 10-14 dias depois
INFESTANTES	Monocotiledóneas + Dicotiledóneas	pendimetalina (31)	Aplicar sempre antes da emergência das infestantes

Notas: 1 - Antes de aplicar qualquer produto agroquímico, leia atentamente o rótulo das respectivas embalagens: dele constam todas as indicações e precauções necessárias para a sua correcta aplicação.

2 - Como não nos é possível indicar todas as substâncias activas e marcas comerciais homologadas para a cultura do pimenteiro, recomendamos a consulta das publicações da Direcção-Geral de Protecção das Culturas, em Oeiras.

3 - Alguns produtos comerciais com base nas substâncias activas indicadas: (1) (8) CAPTAN, MERPAN-83, MERPAN-83 WP; (2) (5) (9) DITHANE M-45, DITHANE ULTRA D, KOR 80, MANCOCODE, MANCOZAN, MANCOZEBE VALAGRO, MANZENE; (3) (6) (10) CUPERTANE, CUPRAVITZ, CUPRONIZEBE, CUPROSAN SUPERA; (4) (7) (11) ASPOR; (12) PREVICUR; (13) DIKAR, KARATHANE LC, CROTOPEC, DINOIL; (14) BONSUL, ELOSAL, ENXOFRE MOLHÁVEL, BAYER, ENXOFRE MOLHÁVEL PERMUTADORA; (15) RUBIGAN, RUBIGANAI; (16) BAYLETON ULTRA D; (17) ROVRAL, ROVRAL GREEN; (18) RONILAN; (19) (29) RUFAST AVANCE; (20) CONFIDOR; (21) DIMECRON 50; (22) TRIGARD 73 WP; (23) PASTAC, PASTAC 30; (24) APPLAUD; (25) CYMBUSH, JOVITHRIN, SUEPRA 10, RIPCORD; (26) KARATE; (27) BASUDINE 600 EW; (28) LINDAFOR 90; (30) MESUROL 50; (31) PROWL; (32) TREFLAN.

DESPORTO



Por
SOÃO PEDRAS

FUTEBOL

FÃO, 0 - ESPOSENDE, 1

Além do Torneio Quadrangular aqui noticiado no número anterior, a Direcção do Clube de Futebol de Fão para complemento da preparação da sua equipa convidou o Esposende para um jogo amigável e os nossos vizinhos mais uma vez foram simpáticos.

Foi uma partida disputada com muita virilidade, misturada com algumas picardias fazendo lembrar os bons velhos tempos. e o curioso é que poucos eram os intervenientes no derby naturais das respectivas localidades ou pelo entusiasmo do muito público presente, ou pela diferença de categoria das equipas, nestes casos há sempre uma grande motivação da parte dos jogadores da equipa de escalão inferior, não esqueçamos que o Esposende milita na 2.ª Divisão de Honra do Futebol Nacional ou como agora se diz na II Liga Profissional de Futebol, e o Fão na 1.ª Divisão de Honra, mas do futebol regional. A verdade é que pouca foi a diferença na qualidade de futebol praticado por ambos os conjuntos.

Aceitando com naturalidade alguma supremacia dos visitantes, os fangueiros ficaram satisfeitos com a prestação da sua equipa. E se o Esposende esteve mais perto do golo durante a primeira parte, não o conseguindo devido a algumas excelentes defesas do guarda-fangueiro, também os avançados da equipa da casa, em menos ocasiões é certo, levaram o público a vibrar com essa possibilidade.

A segunda parte decorreu na mesma toada e quando já toda a gente pensava que o desafio terminaria com um nulo, o treinador fangueiro que fez alinhar todos os jogadores convocados para este jogo, achou por bem fazer entrar nos últimos minutos o terceiro guarda-redes da sua equipa, e foi neste período que os nossos vizinhos conseguiram o golo através de um remate de um seu avançado à entrada da pequena área. Para uns sem defesa, para outros resultado da amabilidade do técnico ao dar a oportunidade ao seu inexperiente jogador de defender a baliza fangueira nos derradeiros momentos deste excelente jogo. E esta divergência de opiniões porquê? Por o Fão ter perdido este confronto com o Esposende por um a zero? Não! É que ninguém se esqueceu da prova de fogo que teve este jovem guarda-redes num jogo extremamente difícil perante o Gandra então primeiro classificado, cujo ataque marcou mais de cem golos, nessa época em que se sagrou campeão da 1.ª Divisão Regional e que nesse jogo o Fão perdeu por cinco a três devido a alguns deslizes do seu guarda-redes.

Também no futebol quem cai nas bocas do mundo está...

TAÇA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Necessidades, 0 - Fão, 2; Fão, 2 - Apúlia, 0;
Fão, 2 - Crstelo, 0

Iniciou-se a época oficial com os jogos da taça, este ano em moldes diferentes. em vez dos jogos a eliminar a Associação de Braga resolveu recorrer ao sistema antigo, séries de quatro equipas tornando esta prova mais prolongada. Ao clube fangueiro coube em sorte uma equipa do nosso concelho e duas do concelho de Barcelos. O Fão disputou três jornadas e obteve outras tantas vitórias perante equipas de escalão inferior e muito frágeis para o valor da equipa fangueira. Três vitórias conseguidas com a maior naturalidade e se algumas dificuldades aconteceram na primeira partida, isso deveu-se ao facto da equipa adversária ter utilizado um tipo de futebol um pouco violento. Os fangueiros já demonstraram possuir um excelente conjunto que delicia quem os vê jogar. Para já não serão estes confrontos a prova real para um campeonato da Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga que se adivinha muito difícil, e para

uma possível subida à Terceira Divisão Nacional. Este foi o indicativo deixado no ar pelos dirigentes do nosso clube num programa da rádio Onda Viva da Póvoa de Varzim dedicado em exclusivo ao Clube de Futebol de Fão. Não somos apologistas dessa ambição, mas se isso for a satisfação dos que para isso tanto trabalham, então: foça.

Complemento do plantel para a época 99/2000

	Naturalidade	Clube anterior
Tiago Cubelo	Fão	C. F. Fão
Carlos Ribeiro	Fão	C. F. Fão

TREINADOR EM SUBIDA

Pois é. Os fangueiros tem mais um clube com que se afligir. É o Penafiel. À frente do dito, está o nosso conterrâneo Prof. Luís Campos e a novidade é que o Penafiel também está à frente do campeonato da II Liga. E nós já sabemos que hoje já muito fangueiro o primeiro resultado que quer saber é como ficou o Penafiel.

Temos fundadas esperanças dos méritos deste treinador e não nos admiraremos nada de o ver ingressar num clube da I Liga dentro em pouco tempo. Todos vamos fazer uma forcinha para isso.

BANCO MULTIUSUS

Não será bem um *multiusos* mas quase. Pelo menos a gente, ao sentar-se, tanto pode ficar a olhar para o lado da Gandra como para o lado de Fão. Referimo-nos àquele banco que foi montado no Largo Comendador Correia Leite, mais conhecido pelo Largo do Cortinhal.

É tudo uma questão de direccionar o espaldar. E o mais curioso é que aquele banco, permitindo uma

bela vista, veio-nos dizer que o muro sobranceiro ao rio estaria ali a mais. Dizem-nos que ainda vão colocar mais palmeiras sobretudo na parte norte para de certo modo limitar os efeitos da nortada.

Sentados no tal banco, o nosso prezado amigo Raimundo e sua esposa, acabadinhos de chegar de S. Paulo.



NOVO TALHO JACINTO

Carnes de Qualidade "APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

(ATRASADA NA REDACÇÃO)

Aprendi há muitos anos, que a hospitalidade é um dom de Deus.

E é.

Portugal acaba de demonstrar essa verdade ao acolher com tanto carinho, todos esses refugiados, que para fugirem à guerra, à fome e à morte, agarraram nos filhos e mais familiares e abandonaram as suas terras e se meteram pela estrada fora apavorados e sem rumo.

Escaparam alguns às bombas criminosas que eram despejadas sem dó nem piedade sobre crianças e gente inocente que nada tinham a ver com o conflito.

Isto não falando no sobressalto de serem apanhados e mortos sem saberem a razão de serem perseguidos e expoliados.

Quantos anos de sacrifício não levaram para construir as suas casas, comprar umas cabeças de gado e prepararam o futuro dos filhos e assegurarem a velhice?!

Valeu-lhes, numa escala muito inferior às suas necessidades a Cruz Vermelha e alguma solidariedade vinda de alguns países.

Foi-me grato ver através da T.V. a maneira como foram recebidos todos aqueles que vieram para Portugal.

Na nossa vizinha Apúlia, foi enternecedor ver a maneira como prepararam tudo para receber esse punhado de refugiados que há muito viviam em permanente sobressalto.

O carinho para com as crianças, os brinquedos, os doces e principalmente o amor que emanava dos seus gestos, merecem a nossa admiração.

É bom que se saiba por esse mundo fora, que Portugal é um país pequeno mas com um grande coração.

Que todos aqueles que por cá passaram possam sentir saudades e voltar, em melhores condições, para gozarem em paz todas as maravilhas da nossa terra.

Que a cordialidade e a simplicidade do nosso povo, possam ser a melhor propaganda para o nosso turismo.

E por falar de turismo, vou focar alguns pontos, que merecem uma certa reflexão.

A avenida que liga a vila à praia de Ofir está muito mal delineada.

Tem um passeio, com uma largura despropositada e sem grande utilidade, impedindo que haja duas vias para o trânsito de automóvel.

A solução que foi encontrada não foi feliz.

O trânsito que regressa da praia, vê-se obrigado a atravessar o pinhal e virando à Rua das Rodas vir a desembocar na passagem debaixo da ponte e sair junto aos bombeiros.

Tudo isto só prejudica quem nos visita.

A maioria desses automobilistas ou vão para sul ou para norte e portanto todas eles querem o acesso à ponte o mais rápido e cómodo possível.

Isto não falando no incómodo que se verifica na Rua dos Bombeiros.

Aos fins de semana é um autêntico pandemónio. O barulho das businas e o trânsito engarrafado demonstra bem o erro de tal solução.

Depois verifica-se que está situação não beneficia a vila. Quem vem da praia, só se serve da vila para alcançar a estrada.

Ainda, se pudessem subir a principal artéria da vila, o comércio podia ser beneficiado, mas como as coisas estão delineadas é a morte lenta desta terra tão bonita.

Ainda há relativamente pouco tempo, quando ia tomar o meu café, na Rua D. Manuel Pais, o trânsito e as pessoas animavam aquela área, que hoje é relativamente morta.

Isto não tem solução?

Não seria bom estudar novamente a situação para ver se as coisas animam?

Quem aqui vem passar férias, nota que de ano para ano, a situação é cada vez mais grave.

Não sou de Fão, mas adoptei-a como minha terra. Custa-me muito ver outras terras sem as potencialidades de Fão, singrarem e virem a T.V. mostrar as suas potencialidades tanto culturais como humanas.

É tempo de acordar e dar as mãos.

Se todos os parceiros da terra se juntassem à volta dos assuntos mais prementes desta vila talvez ela avançasse e seria um ponto de encontro para muita gente.

FÃO COM NOVO POLIDESPORTIVO

Seguindo uma política de dinamização desportiva em todas as freguesias de Esposende, para desta forma dotar o concelho de infra-estruturas e dinamizar diferentes modalidades desportivas, A Autarquia Esposendense celebrou um protocolo com a Fábrica da Igreja Paroquial de Fão, para a construção de um Campo Polidesportivo, junto ao salão Paroquial.

Com um investimento de 1500 contos, a Autarquia não só reforça o seu contributo para o desenvolvimento das actividades desportivas, como evidencia a importância destes espaços para o bem estar da população.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
 Maria Emília Corte-Real
 Fernando de Almeida
 Cecília de Amorim
 Dinis de Vilarelho
 J. C. Vinha Novais
 A. Ramos Assunção
 Artur L. Coeta
 Rosália Oliveira
 João Pedras
 Carlos Mariz
 Marta Mariz Mendes
 Alda Viana
 Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Apart. 38 - 4740 FÃO
 0931.9451667 / Telex. 02-6000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
 Rua Elias Garcia, 129 - PÓVOA DE VARZIM
 Telex. 815230 / 684318 - Fax 684304

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"

ANUAL..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

Uma "fangueria" em Itália

(Continuação da pág. 12)

— É um local onde se reúnem refugiados de todos os países: Angola, Congo, Tanzânia, Zâmbia, eu sei lá. Os governos dos territórios onde as pessoas se juntam cedem-lhes o espaço, ou seja, autorizam-lhes a permanência. Cada país tem a sua comunidade que constrói a sua igreja, o mercado e tem ao seu dispor pessoas que ajudam os refugiados a aprenderem a língua oficial do país onde nasceram, enfermeiras que ensinam os cuidados mínimos a ter com as crianças, com a sida e com outras doenças que afligem a humanidade.

Esses campos aceitam os refugiados por dois anos em que lhes oferecem as condições mínimas. A partir desse período, se quiserem ficar, trabalham, desenvolvem um projecto de agricultura, porque eles não lhes dão as coisas: eles ensinam a trabalhar. Por exemplo, a minha irmã tem um programa girríssimo que é o de construir uma casa, construir as telhas, pois eles têm um rio, a terra é barrenta e assim constroem as suas telhas. Há um serviço que desenvolve um processo de irrigação, eles aprendem como aproveitar a água e como desenvolver o comércio ligado à agricultura. Não interessa mantê-los lá. Eles preparam-nos para que possam voltar ao seu país de origem.

Em Angola existem campos desses. Os meus pais estão no Negage, no noroeste de Angola. Têm a habitação paga e também a alimentação. Recebem uma importância mínima para as despesas do dia-a-dia. Creio que não chega a 10 contos mensais. A diferença com as minhas irmãs é que elas são funcionárias, recebem ordenado. Os meus pais são missionários.

Que rumo?

— Está a acabar o curso?

Acabo este ano. Faltam-me alguns exames, três de matérias que lá não existem. O curso é igual ao que se tira em Itália. Há uma parte comum às duas nações e ainda uma parte específica que diz respeito a cada país. É essa parte que me falta acabar.

— Finto o curso, o que pensa fazer?

— Eu posso dar aulas, quer em Portugal, quer em Itália e posso fazer investigação científica tanto num como noutro país. Aliás o curso é equivalente em toda a comunidade europeia. No meu caso penso organizar a minha vida profissional em Itália. Gosto muito deste país, adoro os seus naturais, os seus costumes, as suas tradições. Mas adoro igualmente Portugal e gosto muito de Fão.

Enfim, um coração repartido. Felicidades, Celmira!

A.S.

OREMOS POR TIMOR QUE REZA EM PORTUGUÊS

Vimos os timorenses a comungar nas missas de domingo, 26 de Setembro passado. A comoção, depois do trágico morticínio perpetrado por agentes indonésios, gente sem alma, nem fé, adeptos do fundamentalismo islâmico. "Povo que reza em português não pode ser abandonado", afirmação que mantemos, depois do massacre, há uns anos, no cemitério de Santa Cruz, em Dili (Timor), em finais de 1991.

Almas gémeas do Portugal moderno, os timorenses, a despontar como nação, são os mártires deste final de século. Temos de continuar a orar por eles, porque os laços que unem os dois povos, são demasiado humanistas. Os interesses materialistas das forças militares de ocupação exerceram-se pela força das armas; nem deram tempo aos naturais o direito de se manifestarem pela sua opção política e civil.

A oportunidade de se decidir o seu futuro, chegou, 24 anos depois da ocupação pela força das armas. Conhecidos os resultados favoráveis do referendo, embora de consequências imprevisíveis quanto às reacções dos opositores à independência, fez correr muito sangue mártir e de inocentes; a destruição atingiu índices superiores às de Kosovo. É evidente a sádica política de "terra queimada" no momento da retirada dos militares, depois de vencidos pela força do voto.

Os portugueses, perdulários e gente de boa fé, acorreram de armas e bagagens a países, onde a alma lusitana nem a sonhar por lá passaria: a Bósnia (e recolheu muitos dos desalojados); ao Kosovo — onde algum português jamais pensaria lá entrar de armas em riste; Angola, depois de falhadas tantas diligências diplomáticas, para se alcançar a paz entre os naturais. Mal seria se a comunidade internacional optasse pelo fechar de olhos ou pelo alheamento da situação de Timor.

Mas, os tempos de guerrilha, de saques e de pilhagens, de ataques traiçoeiros a gente indefesa, de assassínios testemunhados pela comunicação social internacional, estão a serenar. A normalidade tarda em chegar, mas a fé inabalável dos timorenses constitui o mais belo exemplo da postura cívica, para quem sempre ansiou pela liberdade. As imagens recentes que nos chegaram, são de uma beleza inconfundível: o respeito, a fé e o querer de milhares de pessoas, humanos sacrificados pelo terror e a força das armas de gente sem alma. Apesar de verem os seus bens espoliados, arrasados, acreditam na vitória, com as imagens da sua devoção bem protegidas.

As missas celebradas com a presença de inúmeros cristãos, almas gémeas dos portugueses, são a garantia do amanhã, o sinónimo de esperança de vida de povo martirizado. Em Timor, os crentes rezam em português, como nós; é o renascer das cinzas, o regresso da nossa civilização, o repor a nossa história,

Durante três semanas assistimos, via televisão, à destruição do território de Timor que aos portugueses levou muitas dezenas de anos a construir.

A comunidade internacional começou a exercer o mandato determinado pelas Nações Unidas. Mais que a razão, as armas têm um efeito persuasor elevado. Os portugueses, presença relevante para dar ânimo aos naturais, vão a caminho.

Estamos com Timor, onde os cristãos rezam em português, falam a nossa língua, desejam a nossa presença.

Artur L. Costa

VISITANTES DESEJÁVEIS

Vindos não se sabe de onde, aterraram, melhor dizendo, "arriaram" nas águas do Cávado três cisnes, o que traz encantados os habitantes locais. Os bichos são de facto bonitos. Pescoços longos, bem pintados de vermelho, de aspecto sádico, multicores, eles tanto se deleitam a nadar como se acantonam numa das margens do rio.

Era bom que todos os fangueiros se tornassem nos verdadeiros guardiões destes cisnes. Ninguém esquece que dos mil e tantos patos que o Sérgio lançou no rio, apenas existem dois ou três. Os restantes foram roubados aqui na terra perante a passividade da gente local. É caso para se dizer que já não há homens na terra.



“ESTICÃO” VOLTA AO ATAQUE

No decorrer do período balnear, em Esposende, Apúlia e Fão, as praias mais concorridas na orla marítima do Concelho, levantaram-se grandes preocupações e sobressaltos a quantos nos visitaram.

A já estafada técnica do assalto na via pública pelo “esticão” às carteiras das senhoras e às bolsas dos homens, esteve “em grande”, com resultados alarmantes.

Os assaltantes, jovens e bem treinados, agiram com total impunidade, e muito à vontade na execução do “trabalhinho”. De ciclomotor ou de automóvel ligeiro, veículos potentes, era certo o golpe perpetrado com fuga veloz. Os transtornos pelo sucedido tornaram-se evidentes. Apanhar assim o pacato cidadão, ainda tem uma classificação a que os Tribunais aplicam penas leves.

Ninguém tem dúvidas de que os actos praticados, por tais “desconhecidos” correspondem à imagem deste país real, onde tudo acontece sob o manto diáfano da fantasia.

Ouvimos o relato no Quartel da GNR de Barcelinhos, de numerosas queixas de cidadãos vítimas de crimes que se sucederam a ritmo galopante: automóveis arrebados, objectos retirados; energúmenos com o “esticão” a levarem as carteiras de qualquer senhora passante na via pública; bolsas retiradas bruscamente a homens, peões despreocupados nos passeios de centros urbanos; milhares de contos retirados das caixas automáticas à custa de cartões de crédito sacados pelo estafado “esticão”.

A situação parece clara: da carteira ou bolsa sacada pela surpresa do “ataque” o recheio documental ou aparece em 24 horas ou, por acaso, jaz num qualquer lamaçal, algures! Entende-se à primeira vista que a autoridade policial presume onde se escondem os autores de tais habilidades.

Quais as medidas aplicadas para solucionar esta “guerrilha” urbana? Que estratégia policial para combater o flagelo?

Artur L. Costa

O Casino da Póvoa reforça a presença na Exponor

Com um espaço especialmente preparado para receber e prestar informações sobre os diversos acontecimentos do Casino — espectáculos, jantares, propostas de animação diária, novos programas —, dirigido às empresas, associações empresariais e industriais, ao mercado de negócios em geral.

Este espaço, agradavelmente decorado, está ao dispor de todos os visitantes, congressistas e convidados da AEP/Exponor no período de realização das Feiras, em frente ao Pavilhão 2.

O Casino esteve presente entre 9 e 12 de Setembro na Ceranor e de 22 a 26 de Setembro na Portojóia, tendo patrocinado o caktail de apresentação desta exposição, que inclui jantar e desfile de jóias.

Já nos primeiros dias de Outubro a nossa Loja estará ao dispor dos visitantes da Música e da Visom, a realizar entre 2 e 5 de Outubro.

Esperamos com esta presença estabelecer contactos e estreitar relações com o mercado de empresas e negócios.